

O arranque de cada avião supersónico das pistas do «Saratoga» mobiliza um «exército» de técnicos

P.C. ADVERTE CONTRA INCIDENTES COM MARINHEIROS DA N. A. T. O.

«**N**A complexa conjuntura actual, quaisquer incidentes com marinheiros em visita à cidade e desarmados poderiam adquirir carácter provocatório em que a reacção estaria altamente interessada», afirma a Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português num comunicado distribuído aos órgãos de Informação acerca da próxima visita a Lisboa de marinheiros participantes nas manobras da N. A. T. O. presentemente em curso na zona de entrada do estreito de Gibraltar.

No prosseguimento do comunicado, o P. C. P. adverte a população da Lisboa contra manifestações anunciadas com pretextos diversos para a zona próxima do Tejo e zonas centrais no dia em que está prevista a visita à cidade pelos marinheiros da N. A. T. O. A intenção desses manifestações parece ser provocar perigosos confrontos.

Embora tivesse sido desejável que os marinheiros se mantivessem a bordo, o P. C. P. entende que no caso de se verificar a sua saída a terra, desarmados e em passeio, a população deveria procurar, não hostilizá-los, mas, sempre que possível, explicar-lhes a situação em Portugal, interessá-los no apoio ao povo português e dar-lhes mesmo recordações alusivas ao novo Portugal democrático.

E o P. C. P. comenta, por outro lado: Enquanto Portugal fizer parte da N. A. T. O., são inevitáveis manobras com participação portuguesa. Entretanto, no presente momento político, tem de considerar-se completamente inoportuna a realização de manobras da N. A. T. O. em Portugal. Numa situação caracterizada por certa tensão, por uma campanha de calúnias procurando fazer crer na iminência de um «golpe comunista» e de «guerra civil», a vinda a Portugal de forças navais da N. A. T. O. e exercícios que incluem bombardeamentos aéreos simulados, levantam na população justificadas apreensões. Objectivamente consideradas, as manobras aparecem como uma forma de pressão na situação política portuguesa.

Interesse soviético

Entretanto, uma nota do Comberlant — quartel-general ibérico da N. A. T. O. — refere que «em acções simuladas efectuadas durante as últimas 24 horas, as unidades participantes no exercício estiveram submetidas a poderosos «ataques» das forças «inimigas».

Comenta também a N. A. T. O.: «O interesse soviético pelo exercício «Loked Gate 75» não esmoreceu durante o dia de ontem, tendo o «destroyer» lança-mísseis que acompanha alguns navios da força, sem no entanto interferir de qualquer modo nas operações em curso, continuado a seguir-las de perto.»

«O tempo faz justiça», original que Maria Domanski escreveu há 25 anos, em Portugal, correu todos os riscos de ter sido escrito num País em que os novos, os escritores, a ousadia e a liberdade, não tinham lugar, nem valiam nada — acabando por ser indevidamente utilizado por um dos mais conhecidos nomes da telenovela brasileira, para um programa do mais poderoso canal da televisão do Brasil... conforme nos relatou a autora.

Maria Domanski, escritora e jornalista portuguesa que se radicou no Brasil há mais de 10 anos, precisamente na esperança de ter oportunidade de publicar o original que escreveu quando tinha apenas 19 anos, ainda hoje acredita que o tempo confirmará o título que deu ao livro.

— O livro era bastante avançado para a época, para o nosso País e talvez até para a minha idade — disse-nos Maria Domanski, acrescentando que, na altura, mostrou alguns capítulos ao director do jornal em que colaborava, o qual, «achando-o muito interessante, mas verdadeiramente impubescível em Portugal devido às restrições impostas pela censura», aconselhou a tentar publicá-lo no Brasil, onde, sob o governo de João Goulart, se sabia o que era liberdade de imprensa, expressão e pensamento.

Efectivamente, anos depois, e por vários motivos, Maria Domanski partiu para o Brasil, mas sem grandes esperanças de conseguir publicar «O tempo faz justiça», já que «lá não passava de uma ilustre desconhecida, uma emigrante como tantas outras, sem dinheiro para editar o livro e sem renome para justificar a publicação por conta de uma editora». No entanto, encontrou no Brasil um velho amigo jornalista, português, na altura chefe de redacção de um dos mais populares jornais de S. Paulo que, depois de ler uma cópia do original, disse a Maria

Domanski que o livro precisava de ser lapidado, «mas pode e deve ser publicado».

Entretanto, aconteceu o golpe de Estado que derrubou João Goulart e instaurou no Brasil uma das mais ferozes ditaduras militares que se conhecem. O jornalista amigo de Maria Domanski desapareceu de cena na sequência da invasão pela polícia, armada de metralhadoras, do jornal de que era chefe de redacção, e que era considerado «esquerdista». Ao entrar em contacto com aquele jornalista, tempos depois, a escritora falou-lhe na cópia do romance, obtendo respostas que «quase lhe fizeram sentir vontade de pedir perdão por ter nascido e escrito o romance».

— Parecia que eu tinha cometido um crime. Mais tarde cheguei, de facto, à conclusão de que não havia cometido um crime, mas dois, escrevera um romance e confiara num amigo — considerou Maria Domanski que, tempos depois, verificou que «a tal cópia nunca saíra das mãos do seu inestimável «amigo da onça». Acrescentou: — Acabou vendendo o livro a uma emissora de televisão, considerada a melhor do Brasil inteiro, que se baseou nele como roteiro da novela que mais sucesso fez em todo o país, ganhando inclusive prémios e troféus, não só do Brasil, mas também de outros países da América Latina... É claro que só vim a saber disto alguns anos depois, quando a tal novela se estreou na TV brasileira.

O «autor» da novela, segundo nos relatou a escritora, não era

ela própria jornalista um dos cartaz de televisão Maria lançaram que aperam a atcia do te crito por titi, «cap essa «abi meiro fu todo o E ses; assis tração de retiraram manista mesmo a puderam passar; «nhecidos- ao sabere lhe dizian ter-se con le canal. rosos. Al indébita é sil! Confo livro». Viu o canal que de «O te pois de jornalista. prar tam contratado

O ori — E o a Justiça? e evidente ginal do cido, che aqueles a fundo dum importa, r o dinheiro corrompe ciências d mi-mulhera dinheiro? Maria Dor declaração

GULBENKIAN EDITA CATÁLOGO

EM edição da Fundação Gulbenkian acaba de ser distribuído o Catálogo da Exposição Retrospectiva de Walter Gropius (Projectos e Construções 1906-1969), que se encontra patente ao público nas Galerias das Exposições Temporárias, daquela instituição, promovida pelo Instituto Alemão e pela Gulbenkian e organizada por Ise Gropius para o Arquivo de Bauhaus, actualmente em Berlim.

O catálogo, além de inserir a reprodução de uma fotografia do grande arquitecto alemão e da reprodução das obras expostas, entre as quais se destaca o edifício da Pan American em Nova Iorque, um dos mais espectaculares se não o mais espectacular da cidade, abrange uma introdução de Ise Gropius e estudos de James Marston Fitch, da Universidade da Columbia, em Nova Iorque, e dos arquitectos Viana de Lima e Frederico George.

A obra humanista nas suas manifestações, como figura pioneira de arquitecto e mestre de muitas gerações impôs-se e permanece como dos mais notáveis do mundo contemporâneo e

com uma dimensão. visão estu não são p Nascid de Arquite lhando em fessor, nu cendo a t 1928 os «E vidade em americana de Arquite versidade; em Camb 86 anos, irradiante